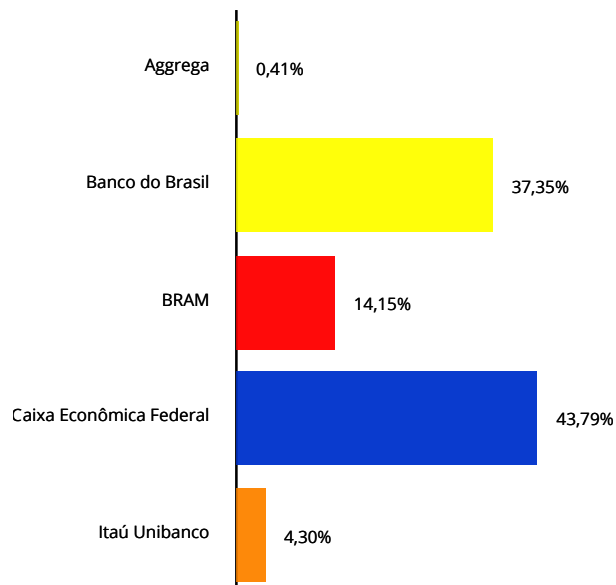
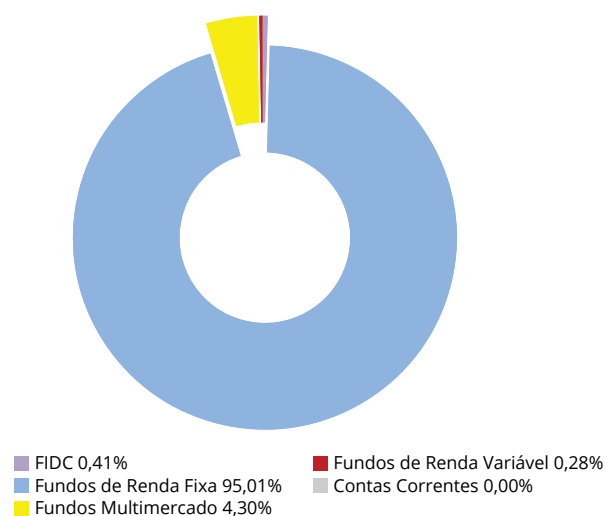


Os recursos do LAGESPREVI - Previdenciário são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência. A diretoria do Instituto, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos. Neste mês a carteira de investimentos está distribuída da seguinte forma:

### Distribuição da Carteira por Instituição Financeira



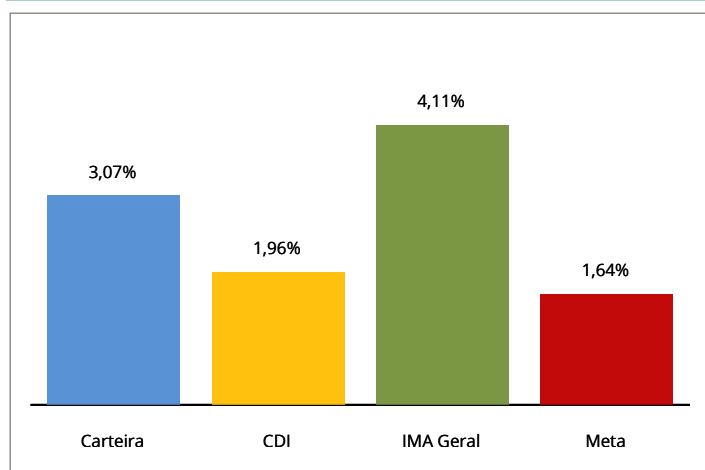
### Distribuição da Carteira por Segmento



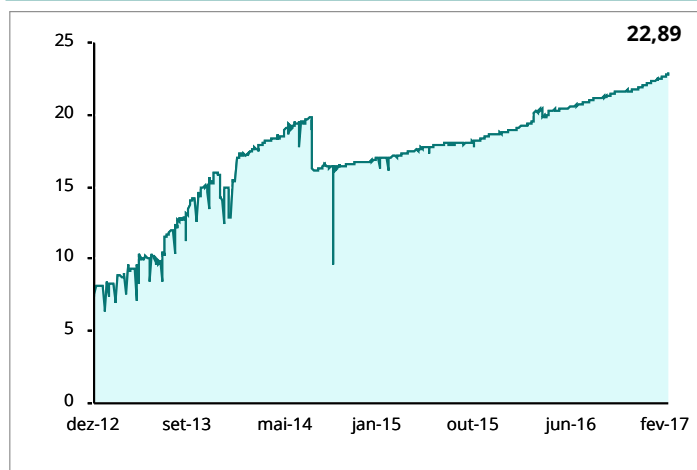
### HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 252 DIAS ÚTEIS
<b>LAGESPREVI - PREVIDENCIÁRIO</b>	<b>1,64%</b>	<b>3,07%</b>	<b>17,06%</b>
CDI	0,87%	1,96%	13,89%
IMA Geral	2,26%	4,11%	21,43%
Meta Atuarial - INPC + 6 %	0,73%	1,64%	10,95%

### Carteira x Indicadores em 2017



### Evolução do Patrimônio (em R\$ Milhões)



**Análise de Desempenho: A carteira do LAGESPREVI - Previdenciário tem como principal objetivo superar a Meta Atuarial.**



## Análise Macroeconômica

Em fevereiro, nos EUA foram divulgados dados do mercado de trabalho com forte criação de vagas. No entanto, o aumento da taxa de participação (proporção de pessoas que buscam emprego em relação ao total pessoas em idade ativa) levou a um ligeiro crescimento do desemprego, de 4,7% para 4,8%. Além disso, a variação de salários decepcionou e fez o mercado entender que o Fed poderia estar distante de seu próximo aumento de juros. No mesmo sentido, a ata da reunião mostrou que o Fed espera ver indicadores mais fortes de inflação e os próximos passos da política fiscal antes de retomar o processo de normalização da Fed Fund. O mês parecia tranquilo e a probabilidade de aumento na reunião de 15 de março parecia muito pequena, mas, enquanto era carnaval aqui no Brasil, os membros do Fed discursaram indicando muita confiança não só na atividade econômica, como nas perspectivas para o mercado de trabalho e na elevação da inflação em direção à meta. Donald Trump discursou no último dia do mês e, apesar de ainda não ter sido efetivamente claro sobre sua ação de expansionismo fiscal, sugeriu que deve investir 1 trilhão de dólares em infraestrutura – mas sem detalhes relevantes. Por enquanto, ele permanece com a política de atacar os demais países e afirmar que seus governos estariam mantendo por período indeterminado suas moedas artificialmente depreciadas.

Na Área do Euro, este ano teremos eleições em uma série de países – e sinais de que candidatos de extrema direita poderiam vencer são grande foco de medo. A primeira eleição ocorrerá em março, quando teremos eleições gerais na Holanda. Em abril e maio será realizada a eleição para presidente na França, enquanto em junho haverá a eleição legislativa. A França é o maior risco, uma vez que a candidata Marine Le Pen aparece tecnicamente empatada em primeiro lugar na disputa com o candidato social-liberal Emmanuel Macron. Por fim, na Alemanha haverá em setembro eleições para primeiro ministro e Angela Merkel deve concorrer novamente ao cargo que ocupa desde o final de 2005.

Fevereiro foi mais curto na China, com o feriado do ano novo lunar. O resultado da balança comercial foi o destaque positivo, que ajudou a manter os ânimos do mercado no mês. As exportações cresceram 7,9% e as importações 16,7%, ambas bem acima das projeções (3,3% e 10%, respectivamente).

Fevereiro acabou sendo um mês relativamente tranquilo, com dados mistos de atividade e inflação bastante baixa para o período. No Congresso, Rodrigo Maia (DEM-RJ) foi reeleito para a presidência da Câmara dos Deputados e Eunício Oliveira (PMDB-CE) eleito para a presidência do Senado Federal – ambos importantes aliados do Planalto.

Neste cenário, o Copom decidiu reduzir a meta da taxa Selic pela quarta vez consecutiva, passando a taxa de 13% para 12,25%, em linha com as projeções de mercado. O comunicado após a reunião surpreendeu com os membros do Comitê afirmando que buscarão, a partir de agora, estimar a taxa de juros estrutural da economia brasileira e, em seguida, conduzir a política monetária de maneira a atingi-la. Assim, aumentou a convicção de que o Banco Central é (ou está!) independente de pressões políticas, o que dá melhores condições para o cumprimento da meta de inflação de 4,5%. Assim, consolidou-se a percepção de que o Banco Central tem total condição de trazer a inflação para a meta (projetamos uma inflação de 4,35%) neste ano e, ainda, de a manter ancorada para os anos seguintes. Por consequência, é muito provável que em junho tenhamos, pela primeira vez desde 2003, uma redução da meta de inflação por parte Conselho Monetário Nacional – que deve reduzir a meta de 4,5% para 4% para o ano de 2019.

Apesar da relativa tranquilidade, ainda paira sobre a economia certo temor em relação às consequências do processo de cassação da chapa Dilma-Temer sobre o governo. Pode trabalhar a favor de Temer a perspectiva de começarmos a ver dados de atividade mais otimistas, o que reduziria o apelo popular por sua saída. Entretanto, a Reforma da Previdência é um ponto sensível e representa um nó que precisa ser urgentemente desatado.

## Renda Fixa

Fevereiro foi um mês de mais do mesmo, ou seja, uma continuação de janeiro. Ainda permanece uma certa cautela com a falta de clareza quanto as diretrizes da política de expansão fiscal do presidente dos EUA, Donald Trump. Na Europa, fica uma certa tensão no ar pela candidata de extrema direita estar na liderança e apoiar uma espécie de Brexit francês – “Frexit”. Fato que poderia trazer à tona um mal-estar político no continente. No Brasil, as projeções apontam para uma inflação abaixo de 4,5% ao ano, o que leva o mercado a crer que o Banco Central pode acelerar a magnitude do corte dos juros. Podemos dizer que foi um mês de certo apetite a risco. Por outro lado, temos alguns fatos que podem surgir em março e trazer uma certa tensão, principalmente, no cenário político local. Aguardemos o andar da carruagem...



Para a curva de juros, o mês foi marcado em grande parte pelo ajuste das expectativas dos players em relação à decisão do Copom, que encerraria fevereiro. Gradualmente a maior parte do mercado passou a acreditar que o Banco Central passaria a ter uma maior inclinação a acelerar o ciclo de corte de juros, o que causou em uma queda considerável dos DIs em toda extensão da curva. Ainda que nada tenha mudado fundamentalmente, o fato de fevereiro ter sido um mês “morno”, em relação às novidades da Operação Lava Jato, aumentou os medos de que a Lava Jato pudesse atingir o núcleo do governo e, conseqüentemente, colaborou com o movimento de fechamento da curva.

Diante de um ambiente sem novidades ruins, o dólar fechou o mês com queda de 0,88%, cotado a R\$ 3,0993.

### **Renda Variável**

As bolsas globais continuaram na rota de valorização neste mês de fevereiro. Observou-se de forma genérica a queda dos CDS, num contexto de melhor crescimento e atividade dos EUA, Europa e China, amenizando o risco da deflação. No Brasil, com seu índice de bolsa costumeiramente mais volátil, houve valorização de 3,25% e 4,65% em dólar, considerando a apreciação do real de 1,26%. Como motivo para todo esse bom humor temos o andamento das reformas fiscais, o fluxo de recursos positivos e a melhora da expectativa.

Em relação às estratégias do Fundo que contribuíram para o resultado do mês, citamos as operações estruturadas, como financiamento coberto e colar spread; operações de long&short; operações de curto prazo; e day trade de ações e de índice de ações.